

# A IMAGEM SOCIAL DO CABOCLO DO CONTESTADO DURANTE A GUERRA DO CONTESTADO E AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS POSTERIORES

Mariane Nava

[mariane.nava9@gmail.com](mailto:mariane.nava9@gmail.com)

Mestra em Comunicação e pesquisadora pela  
Universidade Federal do Paraná

Sérgio Luiz Gadini

[mariane.nava@yahoo.com](mailto:mariane.nava@yahoo.com)

Doutor em Ciências da Comunicação e  
professor de Jornalismo na  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

64

DOI: [10.21882/ruc.v6i10.694](https://doi.org/10.21882/ruc.v6i10.694)

Recebido em: 24/08/2017

Aceito em: 03/05/2018

*THE SOCIAL IMAGE OF THE  
CABOCLO DE ANTONIO DURING  
THE GURU OF THE ANSWERING AND  
THE SOCIAL IMPLICATIONS  
AFTERALL*

## RESUMO

O jornal torna pública uma representação que acaba por construir o imaginário popular, e consequentemente consolida a imagem do indivíduo. A pesquisa discute a construção da imagem do caboclo do contestado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* durante a Guerra do Contestado e qual a implicação desse processo para a própria maneira como o caboclo se reconhece perante a sociedade. O estudo se dá a partir da revisão de literatura, entrevistas e consulta ao acervo online do jornal, resultando em um panorama dessa transformação social que atingiu a região do Contestado. O objetivo foi a *atualização* da imagem do caboclo pós centenário da guerra, mas da perspectiva dele próprio, a partir da hipótese de que o jornal altera a maneira como os indivíduos se reconhecem, influenciando as relações estabelecidas e têm como posição o da elite econômica. O trabalho discute a representação construída sob a perspectiva teórica e parte para a empírica com a realização das entrevistas, ele apresenta-se estruturado com o desencadeamento da discussão da construção da imagem social, representação e, finalmente, a representação construída pelo jornal.

Palavras-chave: Caboclo. Contestado. Representação.

## ABSTRACT

The newspaper makes public a representation that ends up constructing the popular imaginary, and consequently consolidates the image of the individual. The research discusses the construction of the image of the caboclo of the contested by the newspaper *O Estado de S. Paulo* during the War of the Contestado and what the implication of this process is for the very way the caboclo recognizes itself before the society. The study is based on a literature review, interviews and consultation of the online collection of the newspaper, resulting in an overview of this social transformation that reached the Contestado region. The objective was to update the image of the post-centenary caboclo of the war, but from his own perspective, based on the hypothesis that the newspaper alters the way individuals recognize themselves, influencing established relationships and of the economic elite. The paper discusses the representation constructed from the theoretical perspective and part to the empirical one with the interviews, it is structured with the unleashing of the discussion of the construction of the social image, representation and, finally, the representation built by the newspaper.

Keywords: Caboclo. Contestado. Representation.

## A construção da imagem social pelo jornal

A proposta é discutir o papel do jornal na construção de representações da realidade e na formação da imagem social dos personagens e as implicações desse processo. Para isso, o artigo é dividido em três partes: 1) discutem-se os conceitos orientadores de seleção de conteúdos que resultam na formação construída de uma realidade e de um personagem, na sequência, 2) apresenta-se um breve panorama histórico do caboclo do Contestado em contraposição ao que foi apresentado pelos jornais e, por fim, 3) detalham-se as conclusões.

A imagem social forma-se a partir da reunião de elementos que representem uma cultura. Na perspectiva da teoria comunicacional dos estudos culturais, cultura é entendida como um conjunto de valores ou significados partilhados e também forma de estruturação de um grupo social em torno da construção das representações - uma organização de poder. Não apenas como uma distinção social, e sim uma rede de representações (textos, imagens, códigos de conduta e linguagem) que molda cada aspecto da vida social (HALL, 1992). Neste sentido, Hall (1992) discute o conceito de cultura como algo mutável e construído também pela linguagem. O autor retoma o conceito histórico de cultura que inicialmente remetia a noção de erudito, mas que ao longo do tempo passa a abranger também a produção popular, ligada ao modo de fazer autêntico de um povo. Surge, então, a divisão entre alta cultura e popular definidas por um conjunto de símbolos em comum ao grupo, que o mantém coeso e um desses elementos é a linguagem. Ela é entendida como processo de significação: É por meio dela que se atribuem os sentidos, propiciando a elaboração de

uma espécie de livro de códigos cultural, que ajuda na construção de uma identidade por meio da troca de ideias e da consolidação de uma imagem social (HALL, 1992).

O jornal ao trabalhar com a linguagem e especificamente com a publicização de conteúdos atua como um dos legitimadores da cultura. O pesquisador Nilson Thomé (2013)<sup>1</sup> ao analisar o processo de representação da cultura cabocla explica que o jornal ao dar a conhecer o tipo social do Contestado permitiu que o próprio se reconhecesse como tal, processo ocorrido quando o periódico agenda o debate sobre o tema e colabora para a formação da opinião pública (MCCOMBS; SHAW, 2000)<sup>2</sup>.

Para Moscovici (2007), as representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes. Dessa forma, o jornal - integrado por um grupo de especialistas formadores e, sobretudo, difusores de representações sociais - é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. A partir do conteúdo emitido, o público obtém elementos para assimilar a realidade e a forma como vê a si próprio e aos outros. O processo de construção e desconstrução é dinâmico e determinante no comportamento

<sup>1</sup> Em entrevista concedida em 01/06/13 no Museu do Contestado, município de Caçador- SC.

<sup>2</sup> Exemplo é o aumento de pessoas que se autodeclararam pardas segundo o Censo demográfico brasileiro. Em 2010, a média de pardos em Santa Catarina concentrada na faixa meio-oeste e vale do Rio do Peixe (região conhecida como Contestado) foi entre 22% e 42%. Grande parte dessas cidades surgiu de vilarejos formados pelos sobreviventes da Guerra, que teve como protagonista o Caboclo Pardo. Disponível em: "IBGE aponta aumento de brasileiros que se declaram pardos ou pretos" - O Estado de S. Paulo em 22 de julho de 2011-17h 44

do grupo, pois impacta nas ações e avaliações que constituem as representações (BRÍVIO, 2011).

A identidade que une os indivíduos e propicia o reconhecimento entre os participantes é fruto da construção social. Por meio do uso que se faz das coisas é que se atribui significado, e o jornal atua como legitimador ao selecionar o que será publicado e de qual maneira, e da mesma forma o que não será, tornando representações que ganham espaço no Jornalismo dominantes sobre as que são silenciadas (NEUMANN, 1995).

O jornalista atua como mediador das informações e seleciona a maneira como os conteúdos serão publicados. O que o permite exercer a função de mediador é a habilidade e o treinamento, ilustrada por Pierre Bourdieu (1997) como um “óculos” que permite aos jornalistas determinadas interpretações. Bourdieu faz referência a capacidade de selecionar fatos que tem *valor-notícia*. “Os óculos permitem uma certa maneira de enxergar as coisas que veem, operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.12), de acordo com critérios que construirão uma representação do real.

Neste sentido, Bourdieu (1989) traz a questão do poder simbólico. Em que elementos como a arte, a religião e a língua atuam como ordenadores da realidade, e é a forma de manifestação destes que estrutura a sociedade e lhe atribui sentido. Os grupos sociais se distinguem e firmam sua identidade ao conceber formas distintas de compreensão e expressão. Os meios comunicacionais são fundamentais e entendidos como sistemas simbólicos que ajudam a estruturar a sociedade. Pois, eles também colaboram para

a construção da realidade ao atuar na convenção e legitimação dos símbolos. Signos que, juntamente aos elementos que representam coisas imateriais, atribuem o sentido de “mundo real”, é a objetividade da realidade definida pela subjetividade estruturada. Ou seja, os símbolos como a religiosidade, as crenças no divino, o modo de falar e agir são do mundo subjetivo, mas podem, simbolicamente, ter representações materiais. A seleção do jornal sobre determinados aspectos e temas, portanto, acaba por influir na noção de realidade ao ressaltá-los mediante o silenciamento dos demais (NEUMANN, 1995), processo que legitima posições.

“(…) os meios de comunicação, desde o final do século XIX, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos pelo consenso da sociedade como verdadeiros. A história passa a ser, desde então, aquilo que aparece nos meios de comunicação. São eles que detêm, em última instância, o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos” (RIBEIRO, 1995, p.3).

Compreende-se, portanto que os jornais ao selecionar aspectos constroem uma representação da realidade e, conseqüentemente, a história. Nelson Traquina (2005) entende o Jornalismo como definidor da forma de compreender os acontecimentos: o poder da comunicação não reside apenas em declarar as coisas como verdades, mas fornecer as formas pelas quais elas são expostas. Isso implica o trabalho ativo “de selecionar e apresentar, de estruturar e dar forma às coisas” (TRAQUINA, 2005, p.109).

Temas em evidência no cenário público também estarão presentes na conversa cotidiana das pessoas, da mesma forma que assuntos negligenciados pela mídia não esta-

rão. Elas tendem a incluir ou excluir aquilo que os profissionais de mídia incluem ou excluem do conteúdo em circulação. A mídia é apresentada como agente modificador da realidade social, apontando para o público receptor sobre o que se informar, ocorre, assim, o agendamento. A hipótese cuja essência foi trazida por Walter Lippmann em sua obra *Public Opinion* publicada em 1922, é discutida pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972 na busca de compreender os efeitos dos meios de comunicação na opinião pública. Na perspectiva de McCombs e Shaw (1972), esta construção configura-se como um poder que os meios de comunicação exercem sobre a opinião pública. O resultado da interação discurso e história é a construção do significado e representação, baseado em características culturais e simbólicas.

O poder de legitimação da mídia é exemplificado no caso dos conflitos de Canudos e do Contestado. Em 22 de outubro de 1912, teve início a Guerra do Contestado, confronto semelhante à Guerra de Canudos (1896-1897): em ambas ocorreram confrontos diretos entre o exército e a população guiada por um líder messiânico. As revoltas representavam o descontentamento com a república, e, principalmente, objetivavam a defesa do território. Enquanto Canudos se restringiu a uma área de 3 mil km<sup>2</sup>, o Contestado alcançou quase 20 mil km<sup>2</sup>. Porém, a primeira recebeu uma cobertura especial pelo *O Estado de S. Paulo* que publicou uma série de reportagens<sup>3</sup> sobre Canudos de autoria de Euclides da Cunha, enviado espe-

cialmente para remeter notícias do *front* de batalha. Uma década e meia depois, quando iniciaram os descontentamentos populares no Contestado, também acompanhada da figura do líder religioso, a resposta do governo foi imediata e feroz, pois, temia-se um “2º Canudos” no sul do Brasil, mas está não recebeu a mesma cobertura destinada à Canudos. Existem divergências no número total de mortos de ambas, mas considerando também os desaparecidos, as mortes em Canudos totalizam 15 mil e no Contestado, 20 mil, dados que podem ser divergentes em pesquisas mais antigas e jornais da época.

O registro e difusão da história de Canudos tornou o episódio conhecido e temido. A partir dele, o governo adota medidas violentas para contenção de descontentamentos populares, foi o que aconteceu com o Contestado (VALENTINI, 2013). A presença de Euclides da Cunha como correspondente foi determinante para escrever Canudos na história:

**No entanto, ao visitar pessoalmente os revoltosos e assistir ao extermínio perpetrado pelas forças republicanas, o autor se decepcionou profundamente com o exército e passou a ver o conflito com outros olhos. (ACERVO ONLINE OESP<sup>4</sup>)**

No caso do Contestado, o discurso construído foi outro. Os jornais contribuíram para construir a imagem do caboclo do Contestado como uma criatura animalizada e bestial. A pesquisadora Karina Woitowicz (2003) verificou que o jornal *Diário da Tarde*, de Curitiba, caracterizava os moradores da região como “povo inculto e sanguinário” (02/10/1912), “selvagens criminosos”

<sup>3</sup> Disponível em:

<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,canudos-diario-de-uma-expedicao-euclides-da-cunha-781897,11951,0.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em:

<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,canudos,881,0.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

(12/09/1914) e “perversos facínoras” (17/09/1914). Na mesma linha, *A Noite*, do Rio de Janeiro, utilizava as expressões “os ‘fanáticos’” ou “os ‘fanáticos’ do Sul” antecedendo os títulos e já informando que a notícia era relacionada ao conflito do contestado. Além dos adjetivos, seus atos eram descritos como “fanatismo bárbaro e truculento” (05/04/1914) e evidenciavam a “ignorância e ferocidade daquela gente fanatizada” (20/05/1914) dominada por seus “instintos sanguinários” (01/05/1914). “Ser sertanejo passa a conotar ser criminoso” (WOITOWICZ, 2003, p.10).

Diferente da Guerra de Canudos, *O Estado de S. Paulo* não enviou correspondente para o conflito, muitas das notícias sobre o Contestado provinham do jornal de Florianópolis *O Dia*. Não tão frequentes quanto no *Diário da Tarde*, mas quando surgiam ocupavam até sete colunas, podendo ser, inclusive, na primeira página. Exemplo foi a capa do dia 26/10/1912, início do conflito: são quatro colunas de entrevista com um oficial do exército.

O mesmo se dá em outra entrevista concedida ao jornal *A Noite* no dia 16/01/1914 com um Coronel “vizinho dos fanáticos”, em que novamente o caboclo é representado como bestial e sanguinário. Em contrapartida, o exército era descrito como benfeitor que protegia as pessoas de bem dos “facínoras”. A adoção de adjetivos negativos “foi a forma encontrada de torná-los não humanos, monstros, assassinos e bandidos, a fim de que o massacre, deste povo, já em execução fosse justificado” (MACHADO, 2004). Em análise, os jornais da época, Woi-towicz (2003) conclui:

**Com a intensificação de uma narração que vinculava os rebeldes às atitudes crimino-**

**sas, e ainda com o descrédito com que a sua religiosidade era tratada, percebemos também que as imagens do homem do sertão percorrem os textos jornalísticos, contribuindo para oferecer determinada leitura dos fatos já anguladas no transcorrer da guerra (WOITOWICZ, 2003, p.13).**

A Guerra foi considerada acabada no final de 1915, mas ainda em 1916 alguns soldados permaneciam em terras contestadas exterminando quem havia sobrevivido e fosse julgado adepto ou participante da revolta do Contestado. Além dos soldados, forasteiros e, até mesmo, alguns sertanejos eram contratados pelos fazendeiros da região por cada caboclo que matavam (THOMÉ, 2013). A atividade virou um ofício, e quem o exercia era conhecido como *vaqueano* ou ainda *jagunço*, que ganha espaço nos noticiários como mostra da violência e animalidade do caboclo, como demonstra a ilustração 1, apresentada na sequência.

José Morigi (2004, p.09) explica que é através da representação que se tem acesso à experiência da vida cotidiana, e esta está sujeita a lógica do mundo midiático e a sua espetacularização. “Entre os dois - o virtual e o de referência-, existe sempre uma lente que ora aumenta ora reduz o foco. Através dessa lente, contagiada pela visão de mundo do veículo, é que os campos e os atores sociais têm acesso às informações sobre a realidade social” (MORIGI, 2004, p.09).

Até aqui, o artigo apresentou a representação do caboclo do Contestado construída pelo jornal a partir do entendimento dos militares que voltavam do *front*, e como esta construção se diferenciou de Canudos justamente pela atuação do periódico. Cem anos depois, *O Estado de S. Paulo* lançou uma reportagem especial no ano de comemoração do centenário do Contestado



(2012) em que entrevistou sobreviventes do conflito, uma revisita a esse personagem e uma “atualização” da representação que foi construída no período da guerra<sup>5</sup>.

socioeconômico do caboclo cem anos após a guerra e brevemente apresenta um olhar sobre a religiosidade desse povo que foi um dos componentes que se sobressaíram durante o conflito.

O próximo tópico detalha o perfil



Ilustração 1 - Trecho da página 1 do OESP de 26/10/1912  
Fonte: OESP (1912)

<sup>5</sup> O texto pode ser acessado aqui:  
<https://internacional.estadao.com.br/blogs/olhar-sobre-o-mundo/meninos-do-contestado/>

### Sobre o caboclo do Contestado

Os indicadores socioeconômicos estaduais mostram que o caboclo pardo morador da região do Alto Vale do Rio do Peixe e Meio Oeste catarinense tem migrado para a religião evangélica, grande parte ainda sobrevive da extração vegetal, e possui famílias numerosas. Dados do Censo de 2010 mostram que o número de filhos por mulher na região é de 15 para cada 1000, maior que a média estadual de 13,8 a cada 1000. O Contestado foi chamado pelos jornais de *Sertão do Sul*, comparável por ser um território em que *a república não chegava*, assim como em Canudos. Os sertanejos não tinham acesso à educação ou à saúde. Não existiam igrejas, escolas ou hospitais e poucos sabiam ler ou escrever como conta o pesquisador Delmir Valentini (2013)<sup>3</sup>.

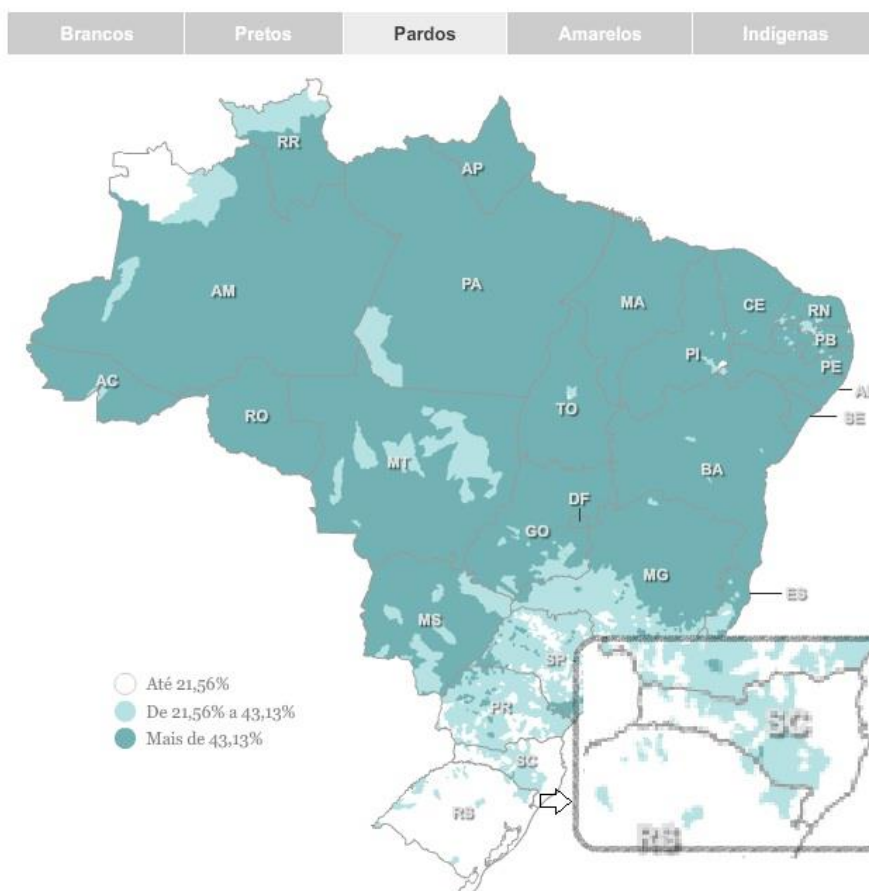
Mais de cem anos após o término do conflito, a região ainda é a mais pobre do estado. Em comparação ao IDH estadual, a média das cidades é entre 0,65 e 0,75, percentual inferior ao estadual de 0,87 (IDH-2000), índices que refletem as taxas de analfabetismo, a concentração de renda e os pro-

blemas da região. A principal fonte de renda, como aponta o IBGE 2011, continua na indústria primária, em que 60% do Produto Interno Bruto (PIB) vêm da extração da madeira.

A extração da matéria-prima data de 1912, intensificada pelo norte-americano Percival Farquhar, proprietário da empresa *Lumber* e responsável pela construção da estrada de ferro que ligou os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo. O trajeto escolhido cortava o território catarinense e paranaense, e como forma de incentivo, o governo brasileiro concedeu o direito a empresa para explorar 15 km de mata de cada margem da ferrovia. O empresário ao deslumbrar o lucro em exportar a madeira da araucária para a Europa expulsou os caboclos que habitam aquela faixa de 30 km de terra e trouxe funcionários americanos para promover o *branqueamento* da região, além de incentivar a chegada de imigrantes europeus no início do século XX. O contato entre esses povos, como explica THOMÉ (2013), promove modificações na cultura cabocla e resulta no que ele define como *acaboclamento* dos estrangeiros.

### Onde se concentra cada raça

Veja no mapa os municípios onde a concentração de cada raça é superior à média nacional



**Ilustração 2 - Onde se concentra cada raça?**

Fonte: OESP (2010)

O contato entre as culturas resultou na incorporação de tradições e costumes de ambos, assim, o caboclo tem contato com o novo e o europeu passa a adotar determinados modos de agir para sobreviver na nova região. Thomé (2013) explica que os caboclos se assemelhavam aos indígenas pelos costumes de transmissão de conhecimento de maneira oral, o não acúmulo material e o convívio com a natureza, características que não eram compreendidas pelos estrangeiros que os taxaram de ignorantes, selvagens e sem religião. O mapa em anexo demonstra que coincidem os menores IDHs e a concen-

tração dos Pardos, faixa localizada próxima as margens da ferrovia. Sob esse cenário vivem os descendentes caboclos e com eles, as especificidades culturais, carregadas de simbologias e de valores que remetem às raízes e às influências posteriores.

Os principais transmissores da sabedoria popular eram indivíduos que percorriam a região sem se fixar em nenhuma, conhecidos como Monges. Valentini (1998:46) os define como *Messias Peregrinos* que além de ensinar o poder medicinal das ervas, batizavam, benziam e casavam, sendo o único



meio de contato do sertanejo com o mundo religioso. Por isso, muitos caboclos que desejavam casar ou batizar os filhos aguardavam o retorno do Messias, que de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa de Silveira Bueno significa “pessoa esperada ansiosamente, [fig.] reformador social” (1996, p.428).

*A ignorância atribuída ao Caboclo pardo se deve, também, à crença na figura do Monge. Ele que, para o sertanejo, é a representação “para o mundo religioso rústico do papel de padre. Realizando práticas mágico-religiosas ligadas ao tratamento de moléstias, a recursos de autodefesa e proteção espiritual” (VALENTINI, 1998, p.198)*

O primeiro deles, que se tem conhecimento, foi o italiano João Maria D’Agostini, que percorreu o sertão catarinense chegando até a Lapa- PR, visto pela última vez em Lages - SC no ano de 1890. O segundo foi João Maria de Jesus, nome adotado pelo turco Anastás Marcaf. Ele exerceu as mesmas funções do anterior, com a diferença que em suas pregações atacava a República, a última vez que foi visto no vale do Rio do Peixe foi por de 1908. Quatro anos depois, surge na região de Campos Novos o Monge José Maria: crítico às autoridades e à desatenção ao povo, ele incentivou os caboclos a pegar em armas e lutar pelo território de que foram expulsos por Farquhar. José Maria se identificava como irmão de João Maria, mas seu verdadeiro nome era Miguel Lucena e, além de curar, batizar e casar, ensinava aos sertanejos táticas de guerra, baseando-se no livro do Rei Carlos Magno e os Doze Pares de França (THOMÉ, 2013; VALENTINI, 1998; NOCELLIN, 1989; FRAGA; LUDKA, 2012).

Fraga e Ludka (2012) explicam que ao ser ameaçado pelos coronéis da região do Contestado o Monge José Maria e um grupo de sertanejos deslocaram-se para o Irani, onde foram atacados por soldados paranaenses que entenderam o deslocamento como invasão do território ou ainda um levante contra a República. O exército não sabia exatamente a causa da movimentação, e com o episódio de Canudos ainda recente, atacou o grupo caboclo. Foi este o primeiro combate da guerra do Contestado, em 22 de outubro de 1912, na região denominada Banhado Grande. Na batalha, morreram o Monge e o Coronel do exército paranaense, João Gualberto.

Até então não aparecia a figura do caboclo nos jornais, ao se defender durante o ataque do exército, o personagem ganha certa notoriedade e os jornais lhe descrevem como brutais, violentos, além de ignorantes e fanáticos por seguir um líder religioso. A concepção de uma crença, que não a hegemônica, impulsionou os jornalistas a condená-los. Chaia (1981, p.05) explica que a religiosidade popular é entendida enquanto uma concepção de mundo dos homens simples. Ela se opõe à religião oficial, pois esta supõe uma ruptura com a hierarquia eclesial da Igreja Católica. Mas, o contato entre o caboclo e o europeu promoveu a miscigenação religiosa. Apesar de não reconhecida, a religião rústica divide os altares caseiros com a católica. Valentini (2013) complementa “há a mescla entre a religião antes dita *paralela* com a oficial. É possível encontrar pessoas que ainda mantêm uma estatueta do São João Maria em altares, e geralmente, ao lado dos santos católicos. O Contestado, como explica Gilberto Tomazi,

**Marcou e continua ainda hoje a influenciar a vida, a cultura e a religiosidade dos que**

dele sobreviveram e seus descendentes. Depois de quase um século, o próprio Contestado foi ressignificado de tal forma que a juventude e toda a comunidade cabocla ainda encontram nele um sentido, uma inspiração e uma mística. (TOMAZI, 2008, p.128).

Mística que Nilson Thomé (2007) explica ser o “sentimento de veneração religiosa com base no temor ou na ignorância, que nos conduz ao cumprimento de quimeras ou à confiança em coisas ineficazes. Quando o homem acredita nelas, revela-se místico” (THOMÉ, 2007, p.49). Logo, a religião possibilita a construção da própria identidade ao reger as ações e ser forma de explicar os fenômenos cotidianos.

Os monges, de maneira geral, pregavam a fé em Deus e curas através das ervas, não eram vinculados a nenhuma religião. O fato da predominância da Católica se deve a chegada dos imigrantes e com eles, a crença em Cristo e nos Santos. Esse foi um dos movimentos de mescla cultural que constitui o sertanejo do Contestado. Hoje, embora haja predominância da religião católica, percebe-se a migração do caboclo para a igreja evangélica.

Tomando como base os dados do Censo de 2010 para os autodeclarados pardos (total de 787,9 mil pessoas), percebe-se que 68,6% seguem a religião católica e 48,7% a religião evangélica. Embora ainda inferior em quantidade absoluta, o fenômeno da região é reflexo do cenário brasileiro. Em que o índice de evangélicos passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010, destes, quase a metade (45,7%) se declara parda. Já os adeptos do catolicismo passaram de 98,9% para 91% no mesmo período.

## Conclusões

O artigo fez o movimento de retorno aos aspectos históricos do caboclo e sua participação na guerra do Contestado para discutir como os jornais constroem representações que, em alguma medida, impactam na forma como a imagem social é legitimada. Para isso, apresenta-se brevemente a comparação entre Canudos e o Contestado, ambas com características em comum, mas que foram abordadas de maneira distinta pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Embora reconheça-se a existência de uma série de outros fatores que também contribuíram para essa diferenciação, não se pode descartar o papel prestado pelo jornal nos episódios e para a construção da própria história. E mais, na maneira como os indivíduos se reconhecem e interagem entre si.

No caso do conflito do Contestado, os jornais colaboraram para construir a imagem *animalizada* do caboclo, o que favoreceu perseguições no pós-guerra. O resultado é o isolamento desse grupo, que não acessa a educação e saúde, mantendo-se na periferia das cidades. Ainda assim, com o contato e o tempo, há o acomodamento dos costumes e a troca cultural por ambas as partes - definidas por Thomé (2013) como o imigrante e o caboclo, ainda que de forma lenta e gradual.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. (Tradução de Fernando Tomaz) 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRÍVIO, Gustavo. **Representações Sociais: dimensão estruturada e estruturante dos processos de comunicação**. In: *Revista Espaço acadêmico* – nº116- Rio de Janeiro, 2011.

CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **O fenômeno da religiosidade popular e a atuação da Igreja no meio rural**. In: *Revista Roteiro*. Joaçaba: FUOC (5), II, abr./jun. 1981.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. **100 anos da Guerra do Contestado, a Maior Guerra Camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro**. Lages, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural da pós modernidade**. (tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro) DP&A Editora, Rio de Janeiro, 1ª edição em 1992.

\_\_\_\_\_ **A questão multicultural**. In: **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MACHADO, Paulo Pinheiro; **Lideranças do Contestado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **A função do agendamento dos media**. In: TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

MORIGI, José Valdir. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. In: revista eletrônica e-compós: <http://www.compos.org.br/e-compos>, edição 1, dezembro/2004.

MOSCVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social** (traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi) – 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOCELLIN, Renato. **Guerrilheiros do Contestado**. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação de mestrado em comunicação. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1995;

THOMÉ, Nilson. **Tese de doutorado: A formação do homem do contestado e a educação escolar – república velha**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação, 2007.

\_\_\_\_\_ **Raízes Caboclas: Características da identidade do homem do contestado - Caboclo Pardo**. 1ª edição, Caçador/Lages, 2011.

TOMAZI, Gilberto. **Heranças e direitos dos jovens do Contestado**. In: *Visão Global*. Joaçaba, v. 11, n. 1, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VALENTINI, Delmir. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a**

---

**Guerra do Contestado.** Caçador (SC):  
Universidade do Contestado, 1998.

WOITOWICZ, Karina J. **Imagem Contes-  
tada** – A construção da história nos discurs-  
os mediáticos da Guerra do Contestado  
(1912-1916). Dissertação de mestrado- Uni-  
versidade do Vale do Rio dos Sinos/RS,  
2002.

\_\_\_\_\_. **Imagens dos  
sertanejos da guerra do contestado nas  
páginas da imprensa:** Nuances da produção  
de sentido nos discursos jornalísticos do Diá-  
rio da Tarde (Curitiba/PR, 1912-1916). In:  
XXVI Congresso Anual em Ciência da Co-  
municação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de  
setembro de 2003.